

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO FOCO NARRATIVO, EM O ERMITÃO DO MUQUÉM, DE BERNARDO GUIMARÃES

João Carlos Guedes da Fonseca - USP

O ermitão do Muquém (1869) é o primeiro romance escrito por Bernardo Guimarães, autor de A Escrava Isaura e O seminarista, dois clássicos da literatura brasileira. Diferente dos livros que notabilizaram o escritor mineiro, o romance de estréia não despertou muito interesse dos estudos literários. A carência de trabalhos críticos sobre O ermitão do Muquém deve-se, em grande parte, à ausência de edições regulares que abasteçam as livrarias e tornem o livro acessível às novas gerações de leitores. Se isso não impede a realização das pesquisas acadêmicas sobre o romance, certamente dificulta o desenvolvimento delas, pois inibe o debate intelectual.

O problema agrava-se quando lemos o livro de Bernardo Guimarães. Uma primeira aproximação, de caráter geral, com a história de Gonçalo, protagonista da ação d'O ermitão do Muquém, poderia referendar o desprezo dispensado a esse romance. A dispersão dos núcleos narrativos, a limitação dos entraves objetivos e subjetivos com as quais deparam as personagens e, sobretudo, a rapidez com que o narrador altera os espaços por onde se realiza a ação criam no leitor a sensação de uma resolução formal inadequada para os conflitos apresentados pelo romance.

Trata-se de um livro com cerca de 130 páginas que se dividem em três grandes núcleos narrativos: o universo rural, a selva e o eremitério, lugar de peregrinação religiosa e popular. Gonçalo alinhava esses espaços para torná-los extensão de um movimento único que dá sentido e significado a O ermitão do Muquém. Assim, vemos o protagonista fugir de suas terras após matar Reinaldo, o seu melhor amigo, porque disputou com ele o amor da bela Maria. Também

assistimos à chegada de Gonçalo à nação Chavante e a sua ascensão ao posto de herdeiro do Cacique Oriçanga. Ainda presenciamos a sua derrocada, quando mata, por engano, Guaraciaba, a sua futura esposa. Por fim, acompanhamos a resolução dele de servir a Nossa Senhora como ermitão no Muquém, a fim de purgar as suas culpas e "pecados".

As reviravoltas da ação narrativa sucedem-se de modo vertiginoso e as rupturas são abruptas. Saber por que isso ocorre, descobrir quais as conseqüências desse processo para a representação literária e, sobretudo, identificar as relações entre a matéria histórica e a matéria narrada n' O ermitão do Muquém são as questões que balizam a nossa leitura.

Bernardo Guimarães é o primeiro a identificar as dificuldades enfrentadas por ele no seu romance de estréia. No prefácio d' O ermitão do Muquém, o escritor é certo: *Consta este romance de três partes muito distintas, em cada uma das quais forçoso me foi empregar um estilo diferente, visto como o meu herói em cada uma delas se vê colocado em uma situação inteiramente nova, inteiramente diversa das anteriores.*ⁱ

Essas situações novas são a mistura de diversos registros narrativos inspirados pela imaginação do escritor. A dificuldade de acompanhar as mudanças de ambiente somente é apaziguada porque já encontramos no livro de estréia marcas, ainda que em estado bruto, da composição refinada de espaços e situações que serão traços distintivos da obra futura do escritor mineiro. O narrador colore com tons convincentes a moldura que compõe os diversos pousos que integram a história d' O ermitão do Muquém.ⁱⁱ A composição refinada dos quadros reforça o sentimento do leitor de compreender esse romance como o continente de três histórias independentes.

Outro fator imprescindível para entender a fragmentação do romance é a acomodação da história de Gonçalo em uma cena ordinária à narração principal d' O ermitão do Muquém. Ela

encontra-se à margem, contida numa breve Introdução. Nela, o escritor prepara o terreno de onde brotará a história de Gonçalo a partir do relato do encontro entre três viajantes da cidade pelo interior de Goiás com um romeiro recém-chegado do Santuário do Muquém. A fim de contar a história do lugar santo para os forasteiros, o romeiro reata os fios da história de Gonçalo, fundador do santuário.

A narração, então, incorpora traços distintivos do causo; isto é, enumeração burlesca de acontecimentos e resolução moral de onde o ouvinte retira uma lição. Um movimento mimético atua na organização do romance, como se as situações contadas pelo narrador, também elas, fossem arquitetadas na dimensão do causo. Como prosa de beira de estrada, a narração do primeiro romance de Bernardo Guimarães é animada pela imaginação fértil do contador que, por arte e engenho, torna verossímil a narrativa aos ouvintes. A imaginação refluí com violência para abarcar espaços, costumes e personagens aparentemente sem ligação.

O problema agrava-se quando o leitor percebe que, em uma leitura mais atenta dos percalços que levaram Gonçalo a transformar-se em eremita, um fio subjacente alinhava os três núcleos narrativos d'O ermitão do Muquém para dar-lhes uma certa impressão de unidade. O responsável por essa urdidura é o aspecto moral da narrativa. O caminho de provação de Gonçalo é emblemático e traduz, em grande medida, uma luta de afirmação da pessoa em face da ordem do mundo. A serviço da redenção da personagem, organiza-se a ação narrativa. Logo, a representação dos percalços de Gonçalo almeja um fim determinado, de modo que o fluxo dos acontecimentos enaltece a transformação do herói em ermitão. As reviravoltas avolumam-se n' O ermitão do Muquém e a função delas é exacerbar as tensões morais imanentes à trajetória de Gonçalo.

Ainda que Bernardo Guimarães advirta o leitor das dificuldades encontradas por ele na elaboração do Ermitão do Muquém, é curioso que o escritor qualifique cada momento da narrativa a partir das diferenças de estilo. Diz o prefácio:

A primeira parte está incluída no Pouso primeiro, e é escrita no tom de um romance realista e de costumes; representa cenas da vida dos homens do sertão, seus folguedos ruidosos e um pouco bárbaros, seus costumes licenciosos, seu espírito de valentia e suas rixas sanguinolentas. (...) O realismo de seu viver (dos povos indígenas) nos escapa, e só nos resta o idealismo, e esse mesmo mui vago, e talvez em grande parte fictício. Tanto melhor para o poeta e o romancista; há largas enchanças para desenvolver os recursos de sua imaginação. O lirismo, pois que reina nesta Segunda parte, a qual abraça os Pousos segundo e terceiro, é muito desculpável. (...) O misticismo cristão caracteriza essencialmente a terceira parte, que compreende o quarto e último Pouso. Aqui há a realidade das crenças e costumes do cristianismo, unida à ideal sublimidade do assunto. Reclama, pois, esta parte um outro estilo, um tom mais grave e solene, uma linguagem como essa que Chateaubriand e Lamartine sabem falar quando tratam de tão elevado assunto.ⁱⁱⁱ

A divisão das partes do romance, acompanhada de uma separação consciente dos estilos empregados nelas, denuncia um caminho percorrido pela narrativa. O tom realista inicia O ermitão do Muquém, de modo que o foco narrativo se aproxima dos conteúdos narrados de modo mais incisivo, e revela-lhes matizes de comportamentos sociais e éticos próprios do universo sertanejo e escravocrata. O pano de fundo do romance é o ciclo do ouro em Goiás, na segunda metade do século XVIII.^{iv} Referências ao garimpo são pequenas, mas não desprezíveis. Isso porque o narrador sugere que a prosperidade de Vila Boa, origem de Gonçalo, é consequência da extração do metal precioso. O ouro introduziu naquelas veredas o modo de produção escravocrata que consolida, por sua vez, mecanismos culturais de significação do mundo muito particulares.

Nesse sentido, as personagens animam-se pela afirmação da valentia, da conquista do respeito público pelo livre exercício da força.^v O material acumulado nessa primeira parte permanecerá ativo, ainda que em graus diversos, durante todo o romance. E as suas conseqüências, como veremos, serão decisivas à elaboração do desfecho d' O ermitão do Muquém.

A ação inicia-se pela apresentação de Gonçalo, homem de posses, que é obrigado a fugir de suas terras depois de cometer terrível assassinato. Indivíduo de brios e de valentia reconhecida, Gonçalo possui um único rival que lhe faz frente, o amigo Reinaldo. Motivado por capricho de ver-se reconhecido o mais valente dentre todos os homens das redondezas, Gonçalo incita uma desavença com Reinaldo. Faz-lhe provocações para começar uma luta da qual pretende sair vencedor. Afinal, nas veredas do sertão de Goiás a valentia é sinal de notoriedade. A rixa, a partir dessa perspectiva, não é dimensionada apenas por veleidades pessoais. Ela é incitada por balizas culturais das quais os homens daquelas veredas não conseguem escapar. Por isso, o narrador adverte o leitor, logo nas primeiras páginas do romance: *Entretanto, esse moço não era mau por natureza; tinha no fundo excelentes qualidades e generosos instintos de coração, que teriam feito dele um homem precioso, se não fosse a sua má educação e a diabólica mania de querer passar pelo maior valentão do mundo.*^{vi}

O narrador sugere a existência de uma tensão entre motivações de ordem individual e forças culturais. Querer ser o maior valentão do mundo, desse modo, implica o enfraquecimento das peculiaridades da pessoa em face das regras do jogo impostas pela sociedade. Gonçalo, portanto, age como agiriam os seus pares. Trata-se de homem de escravatura, de terras, de afazeres. E talvez isso explique a motivação do capricho como elemento regulador de sua vontade.

Ele (Gonçalo) queria bem a Reinaldo, e seria capaz de lançar-se por entre o ferro e o fogo para defendê-lo; mas o que não podia levar a bem é que este tivesse a louca pretensão de

rivalizar com ele em valentia; por isso suspirava sinceramente por uma ocasião de dar-lhe uma sova tal, que lhe desvanecesse de uma vez para sempre suas quiméricas aspirações, e que enfim conhecendo Reinaldo o seu lugar, não houvesse mais motivo de desavença entre eles. Quão mal conhecia ele a esse amigo, medindo-o pela mesma bitola dos outros seus camaradas.^{vii}

É sugestiva a tentativa do narrador de resguardar certos sentimentos em Gonçalves, mesmo que escamoteados, para servir de justificativa para a redenção final do romance. Nele havia, segundo o narrador, os mais nobres e justos motivos. O problema é a ordem do mundo, representada pela educação de senhor de terras, desvirtuar o caminho de bonança que lhe seria natural. Ora, os contornos da ação narrativa pretendem salvaguardar somente a pessoa de Gonçalves e, mesmo que ele seja alçado ao posto de exemplo, a transformação do mundo que o moldou somente é colocada em mira pelo narrador de modo muito sutil. Esse movimento é característico das narrativas de caráter moral. Gonçalves, então, oscila de valentão a senhor de terras para acabar refém da ordem do mundo, como crê o narrador d' O ermitão do Muquém.

Ao cortejar a bela Maria, por quem não parece ter nenhum interesse real, Gonçalves encontra um motivo para disputar com o seu amigo o título de maior valentão de Goiás. O assassinato de Reinaldo, contudo, revela a outra face daquele universo de rixas e violências. A morte inaugura o medo de Gonçalves de ser justicado pela fome de vingança de seus pares. Ele resolve fugir para terras onde não se faça conhecido.

Curiosamente, o modo de Gonçalves reagir ao universo da selva é consequência do que ele apreendeu com a sociabilidade sertaneja. Esse processo de transmutação de códigos e referenciais de um universo para o outro é denunciado pelo narrador por uma pequena artimanha cujo resultado é crucial para o entendimento do que acontecerá com Gonçalves a partir do pouso nos Chavantes. Quando Gonçalves é capturado depois de resistir com valentia contra os guerreiros que o desejavam prisioneiro, o destino dele já está selado: ser sacrificado e servir de banquete para o

casamento de Guaraciaba, filha do cacique Oriçanga, com Iminá. Para escapar do fim anunciado, Gonçalo inventa ser também ele um índio, conhecedor da língua e dos costumes do gentio.

Gonçalo mente sobre sua verdadeira identidade e anima a ação de seus movimentos e desejos a partir de referenciais estranhos àquelas veredas. O tom fantasioso da narrativa d' O ermitão do Muquém quando ela encontra a selva como pouso poderia sugerir, como aliás o faz Bernardo Guimarães no prefácio que escrevera para o romance, a criação de uma história forjada somente na livre imaginação. Entretanto, a cifra aberta pela transformação de Gonçalo em Itajiba não se faz impunemente. É o sonho que ele tem dias antes de casar-se com Guaraciaba e confirmar-se herdeiro do Cacique Oriçanga o momento da revelação.

Na alma ardente e aventureira do bandido de Goiás despontavam já vistas ambiciosas e cálculos de elevação pessoal (...). Uma vez dominador da nação dos Chavantes não lhe seria difícil submeter também pela força das armas, ou mesmo por meios pacíficos e brandos, as outras tribos vizinhas das margens do Tocantins. Ele lhes ensinaria algumas das artes e ofícios mais indispensáveis, os induziria por meios persuasivos a cultivar a terra, para o que procuraria provê-los dos instrumentos próprios, a se aplicar à criação de gado, a construir habitações estáveis e mais sólidas, e enfim pouco a pouco os faria ir abandonando os grosseiros e ferozes hábitos da vida nômade e selvática pelos costumes e usanças dos povos civilizados. Tornado assim o chefe supremo de uma imensa população ativa, industriosa e guerreira, ele se tornaria temível aos fracos governos de Goiás, poderia tratar com eles como de potência a potência, e lhes impor as condições.^{viii}

O trecho do sonho de Gonçalo revela tanto a impossibilidade de ele desfazer-se das heranças culturais acumuladas pela vida no sertão como ancora, de modo mais profundo, as projeções mais fantasiosas da representação literária, animada pelo trabalho do narrador, no rés do chão da experiência. Isso porque nem a selva torna Gonçalo imune aos mecanismos de

compreensão do mundo adquiridos no sertão, nem a liberdade de imaginação, aclamada no prefácio do romance por Bernardo Guimarães, consegue escapar dos referenciais construídos pela sociabilidade sertaneja. Se há liberdade para o narrador, certamente ela é assistida.

Quando a ação narrativa não consegue superar essa dimensão cultural que transforma as personagens e o narrador em reféns dela, reforçam-se os contornos morais do romance. Afinal, corroboram-se os mesmos processos que levaram Gonçalo à desgraça na primeira parte do livro. A cobiça, a fome desenfreada pelo poder e a incansável manipulação de tudo e todos regem, de modo implacável, a ordem dos acontecimentos. A boa alma da personagem não foi e não é forte o suficiente para resistir à educação dos homens "valentes" do sertão.

A morte accidental de Guaraciaba, ardilosamente tramada por Iminá, apenas confirma a desgraça à qual Gonçalo está submetido e prepara o terreno para a redenção. E o duelo final entre Iminá e Gonçalo apenas confirma as escolhas feitas pelo escritor. Se aquele é morto com golpe certo, este é salvo pela medalha de ouro de Nossa Senhora que impede a flecha inimiga de ferir-lhe o corpo. A mão divina interfere na ordem dos acontecimentos e reforça o tom moral da narrativa. Nas entrelinhas, lê-se: o único meio capaz de extirpar as referências da educação perversa que moldou o comportamento de Gonçalo até aquele momento é a fé.

A saída para os impasses criados por aquela realidade é construída numa dimensão sobrenatural e mística. A salvação de Gonçalo é somente dele, e não das formas de sociabilidade que, em outro momento, lhe moldaram o caráter. A saída, portanto, é dada pelas limitações da forma da representação que constrói o romance a partir da tensão entre a alma boa de Gonçalo e a perversidade do meio que o criou. Por isso, ele transforma-se num ermitão atormentado pela culpa dos crimes cometidos.

Gonçalo, então, sonha com Nossa Senhora que sentencia o seu veredicto: ele deverá divulgar a fé na Virgem até o fim de seus dias, pois assim ele nada temerá. Quando adquire

notoriedade, ele recebe a visita de Maria, que perdera o juízo desde a morte de Reinaldo. O eremita pede-lhe perdão, e ela lhe perdoa. O ciclo fecha-se e Gonçalo passa a narrar as suas desventuras aos romeiros que visitam o eremitério em busca de milagres. A vida dele ganha o mundo do sertão e com ela a fé em Nossa Senhora se espalha. Afinal, a Virgem é a entidade capaz, segundo o romance de Bernardo Guimarães, de resistir às violências daquele universo.

Para esclarecer o porquê dessa escolha, é preciso avançar na análise e revolver aquilo que somente é apresentado no romance de modo sutil, mas imprescindível para a compreensão das opções narrativas d'O ermitão do Muquém; em uma palavra: a escravidão. Embora esse tema somente se transforme em assunto em obras futuras de Bernardo Guimarães, é justamente ele que parece organizar o romance. Isso porque a ideologia que promove a figura do valentão e as potências do capricho é o resultado da experiência escravocrata. Se Bernardo Guimarães reconhece que todos acreditam na sua legitimidade, o modo encontrado para reagir contra ela não poderia ser estranho às suas características de base.

Ao propor que a fé possa tornar Gonçalo imune às influências do universo do mando e da valentia, o narrador vê-se obrigado a exilar a personagem num eremitério. A reação representada pela salvação de Gonçalo é esperada por aquele universo. Afinal, não se põe em risco a constituição simbólica que impera no sertão, pois Gonçalo ocupa um espaço contemplado pela ordem regular dos acontecimentos.

Quando deseja promover uma saída para os impasses que levam Gonçalo às mais terríveis desgraças, o narrador d'O ermitão do Muquém acaba reposto no círculo de onde pretendeu escapar. Logo, aquilo que seria progressista no romance torna-se, de um determinado modo, regressivo e conservador. Nesse sentido, a história de Gonçalo não resolve os impasses por ela apresentados, uma vez que a ação narrativa não leva às últimas consequências a exposição do mando e das veleidades do grupo social de que faz parte o protagonista. Quando projeta uma

saída moral para a cadeia de sentidos que orienta as ações de Gonçalo, o narrador recua de seu ímpeto crítico para criar frágeis espaços de resistência que não colocam em xeque as mazelas e violências do sertão goiano. A questão apresentada pelo O ermitão do Muquém é de extrema relevância e, graças às suas "falhas", torna-se possível medir, enquanto leitores modernos, a validade das suas proposições.

ⁱ GUIMARÃES, Bernardo. *O Ermitão do Muquém*. Edição crítica preparada por Antônio Chediak. Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1972, p. 133.

ⁱⁱ CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Volume 2. 3ª edição, São Paulo, Martins, 1969, p. 239.

ⁱⁱⁱ *Ermitão do Muquém*. pp. 133-4.

^{iv} PRADO, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo (colônia)*. 6ª, São Paulo, Brasiliense, 1961.

^v FRANCO, Maria Sylvia Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. 4ª, São Paulo, UNESP, 1997.

^{vi} *Ermitão do Muquém*. p. 144.

^{vii} *Ermitão do Muquém*. pp. 151-2.

^{viii} *Ermitão do Muquém*. pp. 238-9.